

Segurança, Território, População

Michel Foucault

Editora Martins Fontes, 2008

(Tradução Eduardo Brandão)

572 páginas

Wanessa Canellas

Michel Foucault lecionou no Collège de France de 1971 até sua morte, em 1984, e durante esse extenso e fértil período ministrou importantes cursos na cadeira *História dos Sistemas de Pensamento*, para a qual tinha sido eleito como titular em dezembro de 1970. O livro que ora apresentamos é justamente a transcrição de um de seus cursos, realizado entre 1977 e 1978, intitulado *Segurança, Território, População* e que teve como principal objetivo o estudo do ‘biopoder’ e das questões da governamentalidade. O curso em questão é o que se segue a outros dois não menos importantes: *Os Anormais* (publicado no Brasil pela Ed. Martins Fontes, 2001), realizado em 1974, que trata das práticas e dos discursos psiquiátricos, de seus usos pelo poder judiciário e da transformação dos mecanismos de poder surgida a partir do desaparecimento dos rituais públicos de punição; *Em Defesa da Sociedade* (Ed. Martins Fontes, 2005), realizado em 1975 e cuja última lição foi destinada ao estudo da ‘biopolítica’.

No primeiro volume da *História da Sexualidade* (1976) Foucault já apontava para as novas estratégias de ‘poder sobre a vida’ e levou adiante, nos dois cursos já mencionados, a radicalidade de seu pensamento sobre a nova forma de constituição do poder. Segundo o filósofo, é a partir do século XVIII que uma nova configuração de ‘poder sobre a vida’ emerge no mundo ocidental, pautada fundamentalmente, em duas estratégias: a primeira como política de disciplinarização e docilização dos corpos, adestrando-os, extenu-

ando suas forças, integrando-os em sistemas de controle eficazes e econômicos; a segunda, como a captura do corpo-vivo, controlando seus processos biológicos como os estados de saúde, a reprodução, a mortalidade, a longevidade – medidas reguladoras a que as populações eram submetidas denotando minucioso e sistemático controle. Em suma, foram esses dois estratagemas orquestradamente encadeados – disciplinas do corpo e regulação biológica da população – que tornaram possível a organização de um ‘poder sobre a vida’.

Em *Segurança, Território, População* o conceito de ‘biopoder’ é a entrada da vida como elemento nos jogos de poder, isto é: “o conjunto de mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder”. Foucault ressalta que a análise a que ele se propõe – a dos mecanismos de poder, por onde isso passa, seus procedimentos e quais seus efeitos – não é, de forma alguma, uma teoria geral do que é o poder. Sua fala revela um rigor obstinado na busca do conceito que pretende problematizar. Foucault só admite que sua tese seja apenas o início de uma teoria, não do ‘que é o poder’ mas ‘do poder’ – aqui não percebido como uma substância, uma coisa fluida, mas sim como um conjunto de medidas e procedimentos que tenham como função manter (mesmo que não se consiga), justamente, o poder.

O curso apresenta então as estratégias de um saber político que tem no cerne de suas preocupações a regulação da população, pondo em evidência a questão da governamentalidade. Segundo Foucault, baseado em estudos de P. Veyne, nas sociedades gregas e romanas o exercício do poder político não pressupunha o direito de um ‘governo’ ter como objetivo a condução da vida dos indi-

víduos, nem de estar sob a égide de um guia responsável pelo modo como agem e pelo que lhes acontece. Entretanto, a figura de um soberano-pastor, que aparece timidamente em alguns textos gregos arcaicos, fulgura e adquire amplitude no Oriente, fundamentalmente na sociedade hebraica. Contornos bem marcantes e expressivos delineiam esse tema: o poder pastoral se exerce menos sobre um território fixo e mais intensamente sobre uma multidão que se desloca rumo a um determinado objetivo, já que, nesse papel, o pastor precisará conduzi-los, mantê-los alimentados e assegurar-lhes a salvação. Trata-se, portanto, de um poder distintivo – trazendo em si o paradoxo fundamental – mas que valoriza ao mesmo tempo a ovelha e o rebanho inteiro. Esse é o poder introduzido no Ocidente pelo cristianismo e que se institucionaliza num pastorado eclesiástico: o governo das almas, indispensável à salvação de todos. Os séculos XV e XVI deflagram uma crise no governo pastoral em função de uma busca por novas modalidades de direcionamento espiritual, por outras maneiras de ‘governar’ territórios e estratos populacionais surgidos com o fim do feudalismo e com a emergência de novas formas de relações econômicas, sociais e estruturas políticas.

Na primeira metade do século XVIII, muitos aspectos da formação da governamentalidade política estão ligados ao surgimento da ‘razão de Estado’. As ‘artes de governar’ redigidas nos séculos XVI e XVII, cujos princípios eram fundamentados nas virtudes tradicionais (sabedoria, justiça, respeito às leis e aos costumes) ou mesmo nas habilidades perceptivas (prudência, cercar-se de bons e sábios conselheiros), se transformam numa arte de governar produzida para ser aplicada num modelo específico de Estado. É a nova ‘doxa’ de racionalidade segundo a qual o soberano deve exercer seu poder governan-

do os homens. Uma nova percepção histórica desponta, e já não há o terror pelo fim do mundo impingido pelo poder pastoral e nem a convergência das soberanias particulares num império universal; os Estados vão brigar uns com os outros para manter a sua integridade territorial. Além disso, será necessário que invistam no conhecimento e no desenvolvimento de tecnologias militares que assegurem a soberania e ainda num poder de ‘polícia’ que possa intervir, em nome do Estado, dentro do próprio território. Estas duas ações coordenadas, aliadas ao crescimento do comércio e a circulação de dinheiro entre os Estados, compõem o ideário da nova razão governamental.

Segurança, Território, População é uma impressionante e competente investigação histórica e teórica acerca da constituição dos poderes. Foucault demonstra toda a sua argúcia ao trazer à tona os mecanismos e o conjunto de procedimentos – que se articulam com as transformações econômicas, políticas, sociais – e que assumem a função de gerir a vida produzindo forças, nutrindo-as e fazendo-as crescer, para organizá-las e ordená-las mais do que ceifá-las ou destruí-las – é a vida nua, é o ‘biopoder’.

■.....Wanessa Canellas é socióloga, mestre e doutoranda em Memória Social pela UNIRIO e coordenadora do Centro de Documentação, Pesquisa e Memória do Sistema Globo de Rádio.